



## LUA NOVA

— Oh! – murmurei ao notar o reluzente Volvo estacionado em frente à minha casa. Peguei a bolsa com pressa, sem nem reparar qual era. Olhei-me no espelho pela milésima vez. Desci as escadas, tropeçando em meus próprios pés.

— Cuidado, Bella! – disse Charlie – Não queremos outro acidente. E me deu um olhar acusador. Eu sabia o que ele queria dizer. Lembrei-me do verão passado, a dor aguda, não do acidente, voltando a dar pontadas em meu peito.

— Ah, sim, tchau, pai – saí, antes que ele falasse mais alguma coisa dispensável, e a última coisa que ouvi foi a tevê sendo ligada.

Entrei no carro, ainda pensando no verão passado. Droga, não queria lembrar aquilo. Notei que olhava para o chão e levantei os olhos hesitantemente. Encontrar os olhos de topázio líquido dele agora me faria queimar por dentro e me esquecer de respirar. Como sempre fazia.

— Oi, Bella – ele falou, com aquela voz doce e musical. Eu esqueci de cumprimentá-lo, distraíra-me muito facilmente com ele.

— Oh, claro – disse, e, sorrindo de um jeito quase patético, tentava me concentrar na janela e pôr os pensamentos em ordem.

— Espero que goste de comida italiana – sua voz me tirou de meus pensamentos como um puxão. Edward estava estacionando o carro em frente ao restaurante recém-aberto na cidade. Concordei sem pensar, tanto fazia, eu não estava com fome mesmo. Meus olhos escaparam para o rosto dele, minha boca se abriu um pouco, impressionada pela beleza. Era sempre como se eu o estivesse vendo pela primeira vez. O ângulo perfeito de seu nariz, seus cílios negros e longos contrastando com a palidez de sua pele, sua boca com um formato perfeito, que agora era puxado nos cantos com um sorriso. O seu sorriso, um sorriso tão lindo que eu só consegui ficar parada, olhando como uma idiota.

Em um piscar de olhos, ele estava fora do carro, abrindo a porta para mim. Apoiei-me na fria mão dele ao sair. Ele não a soltou, e, ainda de mãos dadas, entramos no restaurante, que, a propósito, era maravilhoso, com paredes cor de salmão e delicadas toalhas redondas sobre as mesas. Havia arranjos de diversas flores, o que alegrava o ambiente. Clair de La Lune; Debussy tocava ao fundo, dando vida ao lugar. Ele me guiou até a mesa mais escondida do restaurante; estava um pouco cheio, e ele queria privacidade. A garçonete logo veio nos atender.

— Em que posso ajudá-los? – falou, com uma voz doce demais, enquanto fitava Edward quase que extasiada.

— Por enquanto, nada, obrigado – disse, sem nem fazer contato visual, em um tom sério e gentil. Ele sempre era gentil. Ele ainda me olhava quando a garçonete se recompôs e nos deixou a sós. Talvez ele tivesse notado que eu coloquei o suéter de que ele tanto gosta.

— Então... – falei, quebrando o silêncio, olhava o arranjo sobre a mesa, escolhendo as palavras — Sua proposta ainda está de pé? – perguntei, olhando nos olhos dele agora.

— Sempre estive – disse, sorrindo de um jeito vitorioso e me fazendo esquecer de respirar — Já se decidiu? – ele perguntou. Era agora.

— Acho... que aceito – tentei falar cuidadosamente, mas soltei tudo com um suspiro no final. Voltei a encarar a decoração.

O chão parecia voar silenciosamente sob o carro. Eu segurava a mão dele, quase que inconsciente disso. Deveria ter me despedido melhor de Charlie, ele me amava e era só por isso que odiava Edward. Achava que ele ter partido havia me feito sofrer demais. E havia; aqueles meses sem Edward foram totalmente vazios para mim, como se eu tivesse morrido. Segurei a mão dele com mais força. Não havia razões para me preocupar, estava com ele agora, e só isso importava.

— Ei... – sussurrou Edward, causando-me arrepios – Eu amo você. Borboletas se agitaram em meu estômago, respirei fundo, tentando, inutilmente, acalmá-las.

— Eu também amo você – eu o olhava nos olhos, e meu coração ameaçava sair pela boca. Desviei os olhos para o nublado horizonte, pensando em meu futuro, indefinido e próximo futuro.

Victoria Monteiro Carvalho  
8º ano / Balneário  
2008